

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A Democracia dos Cidadãos, não dos Aparelhos

Publicado em 2026-06-07 09:44:35



BOX DE FACTOS

- Uma democracia não se mede apenas pela existência de eleições, mas pela capacidade real dos cidadãos influenciarem, fiscalizarem e corrigirem o poder.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- A baixa confiança nos partidos, no Parlamento e no Governo revela uma fractura profunda entre cidadãos e instituições.
- A democracia dos cidadãos exige transparência, listas mais abertas, prestação de contas, dados públicos e participação contínua.
- O objectivo não é destruir os partidos, mas impedir que os partidos substituam a sociedade.

A Democracia dos Cidadãos, não dos Aparelhos

Há uma diferença profunda entre uma democracia onde o povo vota e uma democracia onde o povo manda. A primeira pode existir com urnas. A segunda exige cidadãos de pé.

Há uma diferença profunda entre uma democracia onde o povo vota e uma democracia onde o povo manda. A primeira pode existir com urnas, campanhas, boletins, discursos e

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal vive formalmente numa democracia parlamentar estável, com pluralismo partidário e alternância de poder. A Freedom House classifica Portugal como país livre, embora continue a apontar preocupações relacionadas com corrupção, limitações ao jornalismo, condições prisionais e discriminação. Portanto, o problema português não é a inexistência de democracia. É a sua captura lenta por aparelhos que se habituaram a confundir o Estado com território próprio.

1. O povo como proprietário simbólico do poder

A Constituição diz, a teoria confirma e a liturgia republicana repete: o poder pertence ao povo. Mas, na prática, o povo é muitas vezes tratado como accionista sem direito a gestão. Chamam-no para votar, pedem-lhe paciência, impõem-lhe narrativas e depois devolvem-no ao silêncio.

Entre eleições, os aparelhos retomam a posse da máquina. As listas são organizadas internamente. As candidaturas são filtradas. Os lugares elegíveis são distribuídos. As carreiras políticas avançam por fidelidade, oportunidade, disciplina e alinhamento. O cidadão, esse

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

campanha de quatro em quatro anos.

2. A representação sequestrada

O sistema eleitoral português elege deputados através de listas apresentadas por partidos ou coligações em cada círculo eleitoral, com conversão dos votos em mandatos pelo método de Hondt. O Parlamento português refere ainda que os deputados representam todo o país, e não apenas os círculos que os elegem.

Em teoria, isto protege a representação nacional. Na prática, reforça o poder dos partidos sobre a escolha dos representantes. O cidadão vota numa lista, mas raramente escolhe efectivamente os nomes. Pode gostar de um candidato e rejeitar outro, mas o boletim não lhe dá bisturi; dá-lhe bloco.

Daqui nasce uma das grandes distorções da democracia portuguesa: o deputado depende frequentemente mais do aparelho que o colocou em lugar elegível do que dos cidadãos que supostamente representa. A sua carreira não nasce na praça pública; nasce na sede partidária. E quem nasce politicamente dependente do aparelho dificilmente se levanta contra ele.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Os partidos são necessários numa democracia. Organizam ideias, estruturam escolhas, formam governos, agregam interesses e permitem alternância. Uma democracia sem partidos pode rapidamente transformar-se numa feira de personalismos, caudilhos, influenciadores e salvadores de ocasião.

Mas uma democracia dominada por aparelhos partidários fechados transforma-se noutra coisa: uma oligarquia eleitoral intermitentemente legitimada pelo voto.

O problema não é a existência dos partidos. É a sua transformação em máquinas de reprodução interna. Quando um partido deixa de ser uma escola de cidadania e passa a ser uma carreira, adoece. Quando deixa de seleccionar carácter e competência para seleccionar fidelidade e sobrevivência, apodrece. Quando passa a proteger os seus em vez de servir o país, torna-se um sindicato de interesses instalados.

E Portugal conhece bem esse perfume: uma mistura subtil de mofo institucional, gravata recente e promessa velha.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

declaravam confiança alta ou moderadamente alta no Governo central em 2023; os partidos políticos recolhiam apenas 18% e o Parlamento 31%. Estes números mostram uma fractura séria entre cidadãos e instituições representativas.

Quando os partidos são a instituição menos confiável, mas continuam a ser praticamente a porta principal de acesso ao poder, a democracia entra numa contradição perigosa. O cidadão desconfia da máquina, mas a máquina controla o acesso ao volante.

Essa desconfiança abre espaço a duas tentações: a resignação e o populismo. A resignação diz: “são todos iguais, nada muda.” O populismo diz: “basta destruir tudo e entregar o poder a quem grita mais alto.” Ambas são perigosas. A primeira deixa o país morrer lentamente. A segunda pode incendiar a casa para matar as térmitas.

A democracia dos cidadãos tem de recusar ambas.

5. Cidadãos, não massas

Uma democracia de cidadãos não é uma democracia de multidões excitadas por redes sociais. O cidadão pensa, informa-se, exige, fiscaliza, participa e aceita

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Não é a substituição dos aparelhos por turbas digitais. Não é referendar tudo ao sabor da espuma mediática. Não é pôr o país a governar-se por comentários de Facebook, que seria uma forma inovadora de suicídio administrativo.

É antes criar mecanismos permanentes de participação responsável: assembleias de cidadãos sorteados, consultas públicas reais, orçamentos participativos sérios, plataformas de fiscalização, dados abertos, audições públicas com consequência, avaliação de políticas e canais de iniciativa legislativa mais acessíveis.

O povo não deve ser chamado apenas para bater palmas ou castigar. Deve ser chamado para pensar.

6. A democracia entre eleições

A grande reforma democrática está aqui: transformar a cidadania de acto episódico em presença contínua.

Votar é essencial, mas não chega. Uma democracia saudável tem de permitir que o cidadão acompanhe a execução das promessas, veja os contratos públicos, perceba os prazos, conheça os responsáveis, avalie os resultados e saiba quem falhou.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

ter currículo, fundamento e declaração de interesses.

Isto não seria radicalismo. Seria apenas tratar os cidadãos como adultos.

7. Libertar os representantes dos aparelhos

Uma democracia dos cidadãos teria de reformar a relação entre eleitos e eleitores. Isso pode passar por listas abertas, círculos mais próximos, maior transparência interna nos partidos, eleições primárias, candidaturas independentes mais viáveis e mecanismos de prestação de contas local.

O objectivo não é destruir o sistema proporcional. É dar mais poder ao cidadão dentro dele. O eleitor deve poder premiar pessoas competentes e penalizar carreiristas obedientes. Deve poder escolher rostos, não apenas logótipos.

Enquanto o lugar de um deputado depender sobretudo da direcção partidária, a liberdade parlamentar será limitada. Haverá sempre uma voz interior a recordar-lhe: “cuidado, a próxima lista vem aí.”

E assim se domestica a coragem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Responsabilidades dissolvem-se. Falhanços são reembalados como “constrangimentos”. Maus ministros regressam como comentadores. Maus gestores públicos reaparecem noutros cargos. Maus decisores sobrevivem sempre, como humidade em parede antiga.

Uma democracia dos cidadãos exigiria memória institucional. Tudo o que é prometido deve ficar registado. Tudo o que é executado deve ser comparado. Tudo o que falha deve ser explicado. Tudo o que custa dinheiro público deve ser rastreável.

A democracia moderna precisa de arquivos vivos, não de comunicados mortos.

9. A cidadania como competência nacional

A cidadania não nasce por decreto. Ensina-se. Treina-se. Pratica-se.

Uma escola democrática deveria ensinar pensamento crítico, lógica, argumentação, economia básica, funcionamento do Estado, direitos, deveres, ciência, comunicação, ética pública e literacia digital. Não para criar pequenos burocratas, mas cidadãos capazes de não serem enganados pela primeira fanfarra discursiva.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

nacional.

10. Contra os salvadores

A democracia dos cidadãos não precisa de salvadores. Precisa de instituições abertas, regras claras, cidadãos exigentes e dirigentes substituíveis.

A tentação do “homem forte” nasce quando a democracia parece fraca, lenta, capturada e inútil. Mas a resposta a uma democracia capturada não é menos democracia. É melhor democracia. Mais transparente. Mais responsabilizadora. Mais distribuída. Mais adulta.

A International IDEA assinalou, no seu relatório global de 2025, uma degradação preocupante da representação democrática no mundo, com os indicadores de representação a caírem para o pior nível em mais de vinte anos. Portugal não vive isolado: faz parte desta crise internacional de confiança, representação e mediação política.

Mas justamente por isso a resposta tem de ser lúcida. Não basta mudar personagens. É preciso mudar a arquitectura.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

governos. Não pertence aos ministros. Não pertence aos directores-gerais. Não pertence aos sindicatos corporativos. Não pertence aos grupos económicos.

O Estado é casa comum.

Os partidos podem governá-lo temporariamente. Os cidadãos é que são os seus proprietários permanentes.

Quando esta distinção se perde, nasce a captura. Quando esta distinção se recupera, nasce a República.

12. Uma nova promessa democrática

A democracia dos cidadãos, não dos aparelhos, seria uma nova promessa nacional:

Que os partidos sirvam a democracia, e não a ocupem.

Que os representantes prestem contas aos cidadãos, e não apenas às direcções partidárias.

Que o Estado seja transparente, e não labiríntico.

Que a competência conte mais do que a fidelidade.

Que a participação seja contínua, e não apenas eleitoral.

Que a fiscalização seja real, e não cerimonial.

Que o povo deixe de ser figurante e volte a ser autor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

apenas para legitimar decisões já cozinhadas.

Uma democracia onde os aparelhos sejam instrumentos, não donos.

Uma democracia onde o poder volte ao seu lugar original: a sociedade.

Porque a República, no seu sentido mais nobre, não é o palácio, nem o partido, nem o gabinete, nem o ministro, nem a cadeira.

A República é o cidadão de pé.

Com voz.

Com memória.

Com coragem.

E com a teimosia luminosa de quem se recusa a entregar o futuro aos administradores da decadência.

Referências e leituras complementares

- Freedom House — Portugal: Freedom in the World 2025
- Assembleia da República — Parlamento Português
- OCDE — Drivers of Trust in Public Institutions: Portugal

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Texto de opinião de Francisco Gonçalves

Publicado em **Fragmentos do Caos**.

Com a co-autoria e investigação por de **Augustus Veritas**.

Quando os cidadãos se levantam, os aparelhos deixam de ser destino e passam a ser ruína.

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)